

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 25 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 7080; Estrangeiro, 6 meses 11080.

Fazem-se acusações esmagadoras contra a polícia

O tempo esclarece a verdade. Talvez por isso muita gente diga supersticiosamente que neste mundo quem as faz—paga-as. As verdades que, há tanto tempo, a Batalha trouxe à luz da publicidade acerca da polícia, começam agora, mercê dos abusos insuportáveis e bem visíveis por esta praticados, a ter confirmação plena em quase toda a imprensa sem distinção de cores políticas.

E se os acusados não encontrassem na imprensa quem se intimidasse perante as suas ameaças, mais verdades, que não foram por certos jornalistas proclamadas por medo, seriam a esta hora do conhecimento do público.

O Diário de Lisboa, que publicou durante alguns dias seguidos revelações espantosas acerca dos poderes, dos pavorosos poderes da polícia de investigação criminal, teve de calar-se, porque o seu director e um redactor receberam várias cartas anónimas contendo ameaças, que não podiam partir senão dos ameaçados.

Nós aqui, na Batalha, estamos habituados às ameaças, por isso não recuamos por a nu e bem claro tudo quanto sabemos. Entretanto, limitamo-nos por agora a transcrever e a comentar sóbriamente o que a restante imprensa vai revelando.

O panfleto A Choldra tem mantido nesta questão uma atitude nobre. O seu desassombro já custou a Eduardo Sousa, seu director, um conflito que podia ter tido consequências graves e pelo qual se verificou mais uma vez que o chefe Xavier—vulgarmente conhecido pelo Estrela do Bairro Alto—à falta de argumentos convincentes que destruissem as esmagadoras acusações que sobre ele impendem, quer pela violência, fazer calar a voz acusadora.

Contra a violência do referido chefe lavramos já o nosso protesto veemente, embora subessemos de ante-mão que ele não tinha eco na consciência das criaturas que no governo civil têm às suas ordens criaturas de tão ruim espécie.

Por uma questão de decência, de sanidade social a imprensa que se presa não deve calar-se enquanto todas as infâmias praticadas pela polícia não forem conhecidas do público. O país não pode estar entre-

que a meia dúzia de homens sem escrúpulos e cadastrados que, esculcados na impunidade que um simples cartão de agente lhes facultava, prendem, roubam, matam—e vivem à tripa fóra do produto dos seus crimes.

A população, a continuar este estado de cousas, não necessita de armar-se para defender-se dos ladrões, mas para estar prevenida contra a polícia que, por ironia, tem a seu cargo a manutenção da ordem. O panfleto a que aludimos assim o indica só com a publicação da maravilha que vamos transcrever:

«Por um ex-agente da Polícia de Investigação foi apresentada ao dr. sr. Teixeira Direito, com indicação dos nomes das testemunhas, uma queixa contra o chefe José Francisco Xavier acusando-o:

1.º—De ter incitado à morte do sr. Ferreira do Amaral servindo-se, junto dos legionários com quem convivia, da seguinte expressão: «Quando liquidam vocês o barbaço?»

2.º—De ter convidado alguns seus colegas para a organização de um atentado dinamitista contra o então director da polícia, nosso querido amigo dr. sr. Crispiniano da Fonseca.

3.º—De ter recebido dinheiro de algumas casas de jogo».

Depreende-se da acusação que o único, o verdadeiro «legionário» culpado do atentado contra o comandante Ferreira do Amaral foi o chefe José Francisco Xavier.

Ele fomentou o atentado—e depois, adulado, bajulado vergonhosamente pela imprensa que ele agora insulta, pela imprensa que ele agora agride, deportou algumas dezenas de homens para atrás desse crime de lesa-humanidade que foram as deportações, ocultar a sua culpabilidade. E o criminoso passou por justiciero!

E o instigador fez-se carrasco para tornar-se simpático ao «barbaço» que tanto odiava!

Mas a verdade vence. E a esta hora, só porque o Governo Civil é um pantano propício à criação dos piores miasmas o criminoso tem a consideração (aparente embora) que ainda por lá lhe dispensam.

As acusações são esmagadoras. Se não as averiguam é porque sabem ou pressentem que elas correspondem à verdade inflexível.

A greve geral inglesa é uma insurreiçao que alastra por muitos países

Os trabalhadores dos portos belgas embargam a navegação para Inglaterra—O governo sente-se embaraçado com a falta de forças próprias para dominar o movimento—Por toda a parte se vive em pleno estado de guerra

Com a eclosão da greve geral, a Inglaterra encontra-se numa situação tão estranha quanto complicada. As pessoas mais optimistas têm a impressão de se tratar dum encontro de dois exércitos poderosos, momentos antes de umas hostilidades que o menor incidente pode romper.

Frente a frente estão duas organizações formidáveis. Uma é o Estado, que se apoia na constituição e nas tradições. Outra, são as Trade Unions, cada vez mais influenciadas por ideias revolucionárias. Ambos os inimigos dispõem de grande actividade, equipados como para a guerra, providos de caminhões, de automóveis, de material e de pessoal pronto a prestar socorro imediato aos que caírem feridos. Cada um tem o seu quartel general que traça planos e expede ordens.

Quem pinta assim o estado actual da luta operária na Grã-Bretanha é um correspondente da agência Havas. É uma descrição precisa porque a sua origem não pode ser suspeita de qualquer parcialidade. Continuem os jornais burgueses e patriotas afirmando que se normaliza a situação na Inglaterra, que nós lhes iremos dando estas informações para seu proveito—e para proveito desse governo inglês que faz de Portugal, em nome de uma aliança despretigiada, uma colónia sua, talvez com menos garantias que a Austrália.

De facto, a guerra está declarada. E quaisquer que sejam as suas fases, só muito tarde cessará—mas depois de ter alastrado pelo mundo e assegurado o triunfo do proletariado. Vamos demonstrar com factos que a nossa asserção não é um efeito de dialéctica.

Por toda a parte se mantém a resistência

Mais do que a indústria, mau grado as afirmações dos chefes trabalhistas, encontra-se desorganizada a vida social da Inglaterra. A sociedade inglesa está travando uma batalha desigual, sem uma sólida garantia de triunfo. E a simples imobilidade dos trabalhadores já conseguiu desequilibrar toda a organização social.

A corte fez suspender por tempo indeterminado as recepções marcadas para a presente semana. Uma tal resolução foi provocada não só pelas dificuldades de transporte e comunicação, como porque a revolta alastra sempre, invade todos os espíritos e torna perigosa e inconsequente a existência em todas as cidades inglesas. Principalmente Londres, que está muda e calma, mas ameaça toda a sociedade com a imminente explosão de cólera formidáveis.

Vejamos em todas as cidades, os grevistas, constituindo imensas multidões, assaltam os armazéns de víveres, impedem agressivamente que vingam as traições dos amarelos, estabelecem luta esforçada com a força pública. A revolta ressaltava da colectividade para os indivíduos. Em Londres, um escultor e sua mulher responderam em audiência correcção por haverem distribuído, à vista de toda a gente, manifestos aos marinheiros aquartelados em casernas, incitando esses manifestos a desobediência e a fazer causa com os grevistas. Todos os dias, os tribunais julgam e condenam a penas correcionais operários que se revoltavam contra as medidas do governo. Um operário foi condenado a uma exagerada multa só por haver clamado: «Viva a revolução!»

Em Glasgow produziram-se desordens sérias nos bairros populares. Houve muitos feridos e cerca duma centena de prisões. Vários estabelecimentos de bebidas, calçado, etc. foram saqueados. A volta dos hangars de eléctricos também se produziu graves conflitos, tendo a polícia de empregar o cavalo marinho para conseguir, ao menos, a cobertura dos edifícios.

Há largos momentos de calma. Não são porém, as medidas governamentais susceptíveis de garantir essa calma. Por toda a parte se estabelece a resistência operária. O vapor inglês Malta, com um milhar de passageiros a bordo, quis levantar ferro do porto belga de Anvers e tomar rumo de Inglaterra. A equipagem revoltou-se e não quis fazer a manobra. O navio atrazou um dia a sua partida, mas, ao sair, em vez dum porto britânico, foi aportar a Cherburgo, a pretexto de escala forçada. Ao mesmo tempo, os operários do porto de Anvers, seguindo o exemplo dos seus camaradas holandeses, franceses e alemães, recusam-se a proceder e a permitir embarques de carga e mercadorias para os portos ingleses. Soberbo!

Os quatro grandes sindicatos de mineros alemães do Ruhr fizeram saber aos seus camaradas ingleses, ora em luta, que a vitória dos patrões britânicos traria consequências desastrosas para o movimento de todos os países. Consideram necessário que se impeça toda a exportação para a Inglaterra e ofereçam-se para tomar parte efectiva na luta quando as circunstâncias o exigiam.

Na Rússia não se farão carregamentos para portos ingleses, nem se deixarão carregar navios que, tendo portos estrangeiros marcados por escala, possam mudar o rumo para portos ingleses. O conselho geral dos sindicatos propoz que os operários russos dispensassem um quarto de salário diário em favor dos seus camaradas que lutam na Inglaterra.

E o governo encontra-se seriamente embaraçado, ora apelando para os «bons cidadãos», ora imputando a responsabilidade aos dirigentes das Trade Unions. E faz que os torpedeiros e cruzadores percorram incessantemente as costas e os portos, desembarcando marinheiros para furar a greve.

A imprensa continua a não publicar-se. O Time s tem feito várias tentativas, sendo

o único que se publica todos os dias, mas apenas com quatro páginas de formato reduzido. O seu edifício foi há dias incendiado, não tendo sofrido graves prejuízos.

O Daily Mail procura ser editado em Paris. Não tirou, porém, na sua primeira tentativa, mais que 35.000 exemplares, que foram transportados em avião para Londres.

O comité das Trade Unions declarou que não teria dúvida em reatar negociações mas sem cessar, por um só instante, a greve geral.

O governo tem escassas forças para combater a greve geral

A homogeneidade entre si, e o apoio que o operariado internacional lhe vem dispensando, são duas sólidas condições de triunfo reservadas aos operários ingleses em luta. Diante da solidariedade efectiva e valiosa do proletariado de todo o mundo, o capitalismo verá cada vez mais vasto esse «perigo revolucionário» que há de aniquilá-lo.

A luta prossegue, pois. As desordens não deixam de alargar a sua cidade de Londres. Há dias, a polícia teve de chamar reforços constantes para conseguir dispersar uma manifestação de grevistas, que obstruía a avenida principal. Um automóvel particular foi incendiado. E houve bastantes feridos neste encontro.

Nas cidades da província os tumultos são sufocados, e logo ressurgem. A multidão—assim designam as agências a massa clamorosa dos grevistas—ataca de preferência os transportes de passageiros e de géneros alimentícios. A multidão não quer ser traída e quer alimentar-se usando, por isso, do legítimo direito de defesa...

O governo chama a toda a hora as reservas da polícia. Não há forças que lhe cheguem para julgar a insurreição. Entretanto, a multidão luta, luta sempre. Oitenta omnibus foram, há dias, de tal forma variadas nas ruas de Londres, que não puderam ser reconduzidos às estações—e ficaram muito tempo abandonados.

O governo, repetimos, tem forças escassas para neutralizar, sequer, a revolta do operariado. E já recorre às forças do seu inimigo: em New-Castle não pôde assegurar devidamente a organização dos abastecimentos e pediu a ajuda das Trade Unions. Estas cediam sob a condição prévia de retirarem a polícia de reserva e a tropa. Assim se fez, e agora são os grevistas que vigiam e asseguram o abastecimento de víveres.

Uma conferência sindical internacional

MOSCÓVIA, 10.—O comité executivo da I. S. V. resolveu a convocação próxima, em Paris, dum conferência de delegados das organizações sindicais de França, Bélgica, Tchecoslováquia, Holanda e Alemanha, aderentes à I. S. V., a fim de se concertar as medidas julgadas necessárias para auxiliar os grevistas ingleses.—(H.)

O bloqueio económico da Inglaterra

BILBAU, 10.—Sentem-se já os grandes efeitos da greve inglesa. Numerosos vapores carregados de mineral, com destino a Inglaterra, adiaram a sua partida. Recesia-se uma próxima cessação do trabalho em numerosas minas exploradas por firmas inglesas.—(H.)

A procura duma solução

LONDRES, 10.—O correspondente parlamentar da agência Reuter noticia que, apesar das numerosas conferências efectuadas entre as diversas fracções políticas da Câmara dos Comuns, e também dum reunião de delegados dos mineiros, nenhuma deliberação se pôde efectuar que conseguisse um reatamento de negociações.—(H.)

As medidas governamentais

LONDRES, 10.—Na Câmara dos Comuns, estando ausentes os deputados trabalhistas, foi aprovado por unanimidade o plano apresentado pelo governo para a execução de medidas necessárias à proclamação efectiva do estado «de circunstâncias excepcionais».—(H.)

A situação é estacionária

LONDRES, 10.—Os grevistas realizaram durante os dias de sábado e domingo numerosos comícios em todo o país, os quais decorreram sem incidentes, na sua maioria. Os tumultos de sexta-feira em Newcastle, Hull e Glasgow não se repetiram, registando-se apenas uma dúzia de prisões em todo o país, durante as últimas quarenta e oito horas. Os dirigentes dos grevistas têm continuamente recomendado que urge manter a ordem, convidando os seus partidários a não provocarem a força pública, havendo igualmente da parte das autoridades a maior correcção. Os trabalhadores voluntários e os agentes da polícia especial que se têm alistado excedem presentemente as necessidades, sendo chamados à medida que forem sendo precisos. Todo o país se mantém em sossego, completando-se as guarnições de vários barcos com voluntários, e recomendando o trabalho nas docas, sob a protecção da força pública. O abastecimento de géneros alimentícios continua a fazer-se normalmente, mantendo-se os próprios hotéis e restaurantes com os seus habituais menus e preços. Pelas associações comerciais foi deliberado manter os preços em vigor no fim do mês passado, acrescentando apenas duma taxa adicional relativa ao custo dos transportes, o que foi permitido pelo governo.—(L.)

A Batalha no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

A GUERRA DE MARROCOS Desembarcaram no Algarve alguns «legionários» portugueses que fizeram curiosas declarações à «Batalha»

«Abd-el-Krim é muito mais inteligente e corajoso do que os generais espanhóis que o combatem», declarou à «Batalha» um soldado português

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

FARO, 9.—Tínhamos descido a tosa escada do hospital desta cidade, onde fomos colher impressões que constarão da próxima crónica, e estávamos no jardim Manuel Bivar quando se nos deparou, singrando pela doca, um barco de vela que mais tarde soubermos ser o «Tarde», conduzindo um troço de homens para quem convergiam os olhares de uma multidão ululante que estacionava na muralha da doca.

O espectáculo era inédito. De bordo do «Tarde» os passageiros, faces queimadas pelo sol agitavam nervosamente os seus braços, num movimento frenético, num anseio grande de vida. Minutos depois o «Tarde» atracou e foi-nos dado verificar que se tratava, nem mais nem menos, do que de um grupo de legionários que pertenciam ao famigerado Tercio que arremega para o matadouro de Marrocos uma legião de desgraçados.

O acontecimento despertou em nós um grande desejo: informar A Batalha da odisséia desses infelizes que vieram aportar a Faro.

Quando o pensamento ditou a acção a seguir já o magote de «legionários» invadia o edifício do Governo Civil. Ali mesmo, declinada a nossa identidade, procurámos entrevistar um dos recém-chegados. Era impossível. Uma mole considerável comprimi-se na escadaria do referido edifício, ávida de conhecer a procedência dos «legionários».

Como podemos desviámo-nos daquele bulício dois deles, e sem que fôssemos presenciados viámos até ao «Café Royal», onde a entrevista teve o seu início.

Agostinho Moreira da Mata, que se fazia acompanhar pelo seu companheiro de infortúnio Joaquim Ferreira, inicia assim a sua triste narrativa:

Como se arranjam «legionários»

—Eu era empregado comercial no Porto. Um dia, por um destes devaneios próprios da minha idade de 18 anos, resolvi correr mundo. Disse a minha família que ia visitar um parente que residia numa povoação circunvizinha, e abalei.

—E para onde foi?

—Na companhia de outro colega dirigime-me a Orense. Ali, um guarda civil fez despertar no meu infantil espírito o desejo de me alistar no Tercio, que me prodigalizaria um porvir risonho, um porvir como ambicionam os rapazes da minha idade.

—E cedeu ao convite do guarda civil?

—Se eu soubesse o que se hoje nunca aceitará tão absurda ideia. Como enarei o convite apenas pelo que de rendoso ele tinha, não reflecti e entreguei-me confiante ao meu alôgo.

—Quais foram as condições de alistamento?

—A mim prometeram-me 700 pesetas de entrada, mas entregaram-me apenas 250.

—E depois?

—Alistado como fui em 15 de Janeiro de 1924, a primeira decepção soffri-a em Ceuta quando um cabo, pelo facto de eu não querer varrer, me aplicou uma formidável bofetada.

—Proseguindo:

—Aqui começou a minha odisséia. Mas que fazer? Eu estava alistado e não podia fugir.

—De Ceuta para onde foram?

—Dirigi-me para o Riff, onde me foi ministrada a instrução militar que durei um mês.

Os castigos corporais

—Qual era o tratamento que os espanhóis lhe prodigalizavam?

—As risonhas promessas feitas no acto do alistamento desapareceram imediatamente quando entramos no exercício da nossa função de matador de mouros. Já lhe disse que por eu não querer varrer me deram uma bofetada de que conservo uma triste memória.

—E com indignação:

—Mas isso ainda é o menos. Os castigos corporais excedem tudo quanto há de humano.

A entrevista teve aqui uma breve pausa. O nosso entrevistado fez concentrar as suas recordações e acto continuo prosseguiu:

—Quando nós cometíamos alguma falta aplicavam-nos os mais severos castigos. Aí vai um para exemplo. O paciente era obrigado a trabalhar de picareta na mão com dois sacos de areia às costas, pesando cada um a insignificância de 30 quilos.

O nosso interlocutor conta-nos agora algumas cenas bárbaras de que foram vítimas os «legionários», quer por parte dos espanhóis, quer em virtude das duras condições a que sujeitam os «legionários».

Agostinho da Mata vai falar-nos agora dos combates em que entrou.

—O Tercio é composto de oito bandeiros. Cada «bandeira» é formada por mil «legionários» de diversas nacionalidades.

A valentia dos mouros

Para que o senhor avalie o que foram os encontros com os mouros em que tomámos parte basta que lhe diga que de uma vez que batemos em retirada, ficámos em poder dos mouros 1000 prisioneiros, dos quais 4000 «legionários».

—Mas porque se deu esse desaire?

—Abd-el-Krim vale mais em inteligência e em valor militar do que Primo de Rivera ou qualquer outro espanhol...

—Abd-el-Krim se possuísse marinha e aviação, poderia fazer a todo o mundo que pretendesse invadir os seus domínios. Os espanhóis escusam de sacrificar vidas ao seu interesse mercenário, que já mais conseguirão vencer os rifenhos que

lutam pela sua independência com mais dano do que aqueles.

—Disse que os espanhóis lutam mercenariamente...

A Espanha tem interesse em manter a guerra de Marrocos

—Disse e provo-o.

—Como?

—Escute!

No Royal fez um grande silêncio. Nos circunstantes uma intensa curiosidade. Quando este fenómeno se tinha consumado o nosso interlocutor prosseguiu:

—Quando nós chegámos a Alhucemas e nos dispunhamos a desembarcar intimamente convencidos de que morreríamos, fomos informados a bordo desta colisa estúpida: Aos emissários de Abd-el-Krim concentrados naquele porto tinham sido entregues seis milhões de pesetas para desembarcarmos as tropas do Tercio.

—Mas isso não prova a sua acusação!

—Sim. Porém se ajuntarmos a este menor o facto de em Espanha estarem praticando diariamente 4500 oficiais para a guerra hamos de convir que quando terminar a guerra de Marrocos fenece a esperança desses futuros guerreiros.

E sempre reforçando a sua asserção:

Temos ainda o facto do governo espanhol mandar hoje desarmar uma Cábila e armá-la amanhã. Cábila que volta a atacar as tropas que pelem por Espanha na primeira oportunidade.

—Possue mais algumas provas?

—Provas não posso. Todavia, pelo que se dizia nas trincheiras, a Espanha enquanto durar a guerra poderá manter Primo de Rivera...

—E como nasceu a ideia da deserção?

—A vida nas trincheiras era a vida de que já dei uma pálida ideia. Essa foi a principal razão por que eu pensei em desertar, pensamento que realizei no Riff em Setembro do ano findo.

E acrescenta:

—Só em 22 de Abril embarquei em Tanger, na barca Tarde, e cheguei hoje a Faro onde requisiarei ao governador civil passagem para o Porto, minha terra natal.

E a concluir:

—O devaneio que os meus 18 anos provocaram viverá no meu espírito por muito tempo. Se todos os rapazes soubessem como eu o que é a guerra, abominá-la hiam como eu e os 15 companheiros que vieram comigo de Tanger.

Estava terminada a entrevista. Agostinho Moreira da Mata termina a sua exposição declarando que os mouros são muito mais civilizados de que os espanhóis que os querem civilizar.

A situação dos que divergem do governo russo

A vida crua e dos presos, dos perseguidos e dos exilados

O governo bolchevista «sistemático» agora o tratamento dos seus presos harmonizando-o com o espírito da presente ditadura comunista. Politicamente um absolutismo, economicamente um capitalismo primitivo (parte do Estado e parte particular), o governo considera tanto mais benévolo os crimes com carácter económico, quanto mais severamente persegue os seus adversários políticos. Com referência aos últimos a jurisdição da G. P. U. está sendo constantemente alargada, de forma que praticamente possui hoje toda a extraordinária autoridade da primitiva Tcheka. O criminoso ordinário na Rússia soviética pode contar habitualmente com a sua libertação depois de cumprir metade da sua sentença. Mas o criminoso político fica agora preso indefinidamente; isto quer dizer que, quando acaba o termo da sua prisão, é enviado para o exílio; a duração oficial deste é de três anos, mas, ao terminar, a vítima é novamente exilada, e durante este período é frequentemente metida de novo na prisão. E' o círculo vicioso da prisão, exílio, prisão...

Os apologistas dos bolchevistas queriam fazer-nos acreditar que, quando um preso político acaba o seu tempo, é posto em liberdade. O facto, no entanto, é este: quase sem excepção: logo que um preso político é enviado para o exílio pela G. P. U., praticamente nunca mais alcança inteira liberdade.

Vamos citar uns poucos de exemplos. Em 1921, os social-democratas de Smolensk organizaram um protesto contra o massacre dos socialistas e anarquistas em 25 de Abril, na prisão de Butyrki (Moscóvia). Um certo número desses foras foram enviados para a prisão por essa manifestação. Passaram-se já cinco anos, mas, apesar disso, a maior parte desses homens de Smolensk estão ainda a contos com a G. P. U. Estiveram primeiro presos em Butyrki, depois transportados para Wiarka e para a Sibéria, outra vez presos nos conhecidos campos de Solovki, e agora estão no exílio.

O mesmo caso se deu com os anarquistas presos em Karkov em Outubro de 1920, na noite do congresso anarquista, suprimido pelos bolchevistas a despeito da sua reconhecida legalidade. Os homens e as mulheres presos nessa ocasião—há quasi seis anos—estão ainda na prisão ou no exílio, como, por exemplo, Aron Baron, J. Tcharin, Lea Gootman, Lebedev, Biriulin e outros.

Uma sorte semelhante está sofrendo os social-democratas de Moscóvia presos em 1922; foram da prisão de Yaroslavl para a Sibéria, dali para Permiansk, outra vez para as ilhas Solovetski, seguido de novo

INFORMAÇÕES DO COMITÉ DE DEFESA SOBRE O PROCESSO SACCO-VANZETTI

A poderosa argumentação do advogado Thompson—que durou mais de 8 horas consecutivas—sobre o caso Sacco e Vanzetti perante o Supremo Tribunal do Estado, deu inteira satisfação aos membros do Comité de Defesa, e de quantos compreendem a verdadeira situação da causa.

O debate começou no dia 11 de Janeiro, de manhã, e terminou dois dias depois. E' preciso notar-se bem que as questões discutidas foram de índole puramente legal, e portanto não se entrou senão superficialmente na análise dos factos; não se discutiu em suma se Sacco e Vanzetti eram culpados ou inocentes—apesar da sua inocência ressaltar luminosa durante a discussão—mas somente a questão de saber se o processo do juiz Thayer foi conduzido segundo as leis e os ditames da constituição de Massachusetts e da constituição dos Estados Unidos. Esta questão compreende um grande número de pontos, alguns dos quais de índole técnica, outros que implicam razões fundamentais dos direitos humanos.

Aqueles que puderam seguir o debate viram surgir a inocência de Sacco e Vanzetti do monte de detalhes e das questões do processo, porém, o Supremo Tribunal não é um jurado e não pode decidir sobre a culpabilidade ou a inocência de Sacco e Vanzetti, e deve somente decidir, se os acusados tiveram um equitativo e imparcial processo.

Esta decisão não se poderá obter antes que passem seis semanas, pelo menos, dada a enorme quantidade de trabalho que o tribunal é chamado a tratar.

Recentemente a imprensa diária falou dum certo indivíduo detido no cárcere de Dedham, que fez uma confissão, na qual se compromete a si e a outros no crime de South Braintree, não figurando nele os nomes de Sacco e Vanzetti. O nosso comité teve pleno conhecimento de todos os factos referentes a este golpe, mas por conselho da defesa absteve-se, e absteve-se de publicá-los presentemente.

Se for concedido um novo julgamento, como esperamos, e cremos, será publicada então a mencionada confissão e todos os factos a ela inerentes.

Comité pró-presos

Reúne hoje, pelas 18,30 horas, o Comité pró-presos para assunto urgente pelo que pede a comparência de todos os seus componentes.

As empresas teatrais e a imprensa

As empresas teatrais estão em conflito aberto com as empresas jornalísticas. Por várias razões de peso—para elas, empresas teatrais—vão cortar relações com a imprensa, isto é, vão deixar de conceder aos jornais os lugares que lhes concedem, por vezes bem maus, em troca dos réclames, sempre bem bons.

A Batalha não foi oficialmente avisada de qualquer resolução dos empresários. O que sabe a tal respeito é de sua conta e risco. Parece que uma das razões mais fortes que obrigaram os empresários à sua ferocia atitude—é a de os jornais concederem algumas vezes os seus bilhetes a pessoas mal vestidas. Somos dos que entendem que cada um deve andar limpo e decente, embora sem lousas. Entretanto, parece-nos que as empresas teatrais não possuem em regra essa repulsa pelas pessoas mal vestidas, porquanto a sua bilheteira vendem indistintamente os bilhetes a quem lhes compra—quer vão de alpergatas, quer de casaca. «As pessoas mal vestidas» é uma desculpa de mau pagador.

Aguardamos, no entanto, que as empresas teatrais directamente nos digam de sua justiça para depois lhes dizermos da nossa. Por enquanto, apenas recebemos uma carta, bem amavel, por sinal, da Empresa Lucília Simões-Erico Braga, que passamos a transcrever.

«Teatro da Trindade—Lisboa, 9 de Maio de 1926.—Ex.º Sr.—Não pertencendo esta Empresa à Associação dos Empresários Portugueses cumpre-me avisar que quaisquer demarches feitas junto de V.ª, por aquela associação, no sentido de modificar o actual regime de bilhetes de teatro, não envolve o acordo desta empresa, que deseja manter as boas relações com a imprensa, conservando as actuais concessões mútuas. Com toda a consideração, sou de V.ª muito atento e obg.º.—Erico Braga.»

Contra a extradição de Paulo da Silva

Descarregadores da mar e terra

Reúniu-se em assembleia geral para tratar de vários assuntos, resolvendo mais uma vez enviar officios de protesto contra a extradição do camarada Paulo da Silva aos ministros da França em Lisboa e ministro dos negócios estrangeiros em França.

exílio — tal é o caminho do seu Golgota. Numerosos casos idênticos poderiam ser citados.

Na prisão como no exílio a sorte dos presos políticos é muito pior do que a dos presos de direito comum. Os últimos uma vez no exílio são deixados em paz. Não estão sujeitos a constantes incômodos, buscas e transferências como os perseguidos políticos; também lhes é permitido aceitar trabalho, e até fazer negócios. Além disso, os exilados não políticos gozam o direito da amnistia, da libertação antes de terminarem as suas sentenças. Mas os perseguidos políticos estão despojados de todos esses direitos e privilégios. Agora são enviados para os pontos mais distantes e desolados do país, freqüentemente centenas de milhas longe de qualquer estação de caminho de ferro, estando assim sem comunicações com o resto do mundo. É geralmente impossível conseguir emprego nas pequenas aldeias, onde os naturais muitas vezes nem falam russo. E o subsídio do governo de 6 rublos e 25 kopecks por mês é insuficiente para se manter a vida. É por isso fácil de compreender como os perseguidos políticos dependem vitalmente do auxílio do estrangeiro mas a comunicação com os amigos ou camaradas estrangeiros é severamente punida, resultando em nova prisão ou exílio para os mais miseráveis pontos entre as raças semi-civilizadas do Norte ou entre alguns povos nômades.

A sorte dos presos e exilados socialistas e anarquistas é em grande parte influenciada também pela direção da prisão e oficialidade da G. P. U. Os poucos revolucionários antigos que ainda estão à frente da administração das prisões e exilios esqueceram no decurso dos anos o seu primeiro martírio nas prisões do Tzar. Endureceram com a sua profissão de guardas de prisão. Os novos oficiais, por outro lado, são comunistas de ontem, quer dizer — pessoas que se juntaram ao partido recentemente. Estes elementos conhecem somente o presente governo e os seus «inimigos». Ignoram inteiramente o glorioso passado do movimento revolucionário russo. Os seus nomes mais familiares são-lhes desconhecidos. Vêm neles somente pessoas «perigosas para a ordem existente», e incidentalmente do seu próprio bem-estar como membros do regime prisional e da G. P. U. Não conhecem nada das grandes lutas primitivas sustentadas pelos revolucionários com a administração das prisões sob o zarismo, e procuram constantemente reduzir as prisões soviéticas ao nível do absolutismo dos velhos Romanoff.

O resultado é que as greves da fome, a única arma de defesa e de protesto, que possuem os perseguidos políticos, se tornaram uma ocorrência diária nas prisões bolchevistas. Mas o público só delas tem conhecimento ocasionalmente. Por detrás dos muros desenhada-se uma contínua e desesperada luta de numerosas vítimas do terror bolchevista apresentando as mais elementares reclamações, por um mínimo de existência, pelas mínimas garantias da sua pessoa e da sua saúde. Aqui revolucionários de diversas escolas estão sustentando uma trágica luta, em geral desconhecida do mundo, e sem o auxílio de ninguém. Aqui socialistas e anarquistas lutam para manter a sua integridade revolucionária, ainda que a custa das suas vidas. E também muitas vezes só o suicídio lhes aparece como a única libertação dessa vida infernal.

Do Boletim do Comité Unificado para a defesa dos revolucionários presos na Rússia.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Teatro Joaquim de Almeida
(Ao RATO) — Telefone N. 2703

HOJE em 2 sessões

A revista em 2 actos e 9 quadros, original de *Uns & Outros*, música dos maestros *Hugo Vidal e Raúl Portela*

Fox-Trot

NOS PRIMÁCIAS PAPEIS:

Adelina Fernandes, Mvaro Pereira, Mari Laura, Alvaro de Almeida, Tereza Gomes e J. de Oliveira.

TEATRO GIMNASIO
TELEPHONE T. 914

HOJE festa artística de PALMIRA BASTOS

Com a peça de **BISSON** tradução de **ACACIO DE PAIVA**

O ROSARIO

Em única representação a testada dirá hoje um prólogo em verso intitulado, «Liberdade».

Os primaciais papéis: a testada, TARTAGUINHO VIEIRA e H. DE ALBUQUERQUE

MARIA VITORIA
TODAS AS NOITES
A revista sem rival

FOOT-BALL

Centenas de representações

Peça assim consagrada não precisa reclame

«A Batalha» na provincia e arredores

Peniche

A Câmara contra a higiene

PENICHE, 7.—Como nos sertões marroquinos, a câmara desta localidade, que se ufana de democrática até à medula, mantém no mais atrasado grau a higiene desta laboriosa população.

As sentinas públicas são uma vergonha não só para os habitantes desta vila, como para os forasteiros que de passagem por aqui observam o estado em que elas se encontram. Os dejectos acumulam-se em volta delas, deitam um cheiro pestilento e nauseabundo.

No dia 2 do corrente foi abatido um animal da espécie canina com os chamados bolos de estriquinina, esteve todo o dia na via pública. Passando à noite o autor destas linhas por esse sítio não pôde agüentar o cheiro que esse animal exalava. Cá estava a polícia e a guarda republicana mas só para andar de caça às mulas. Assim, há dias, uma senhora que andava regando o frontal do seu prédio para não ser encomendada com o pó, foi obrigada a pagar por esse serviço 13 escudos.

Cascais

Exposição de floricultura e conferências

CASCAIS, 9.—Realizou-se conforme estava anunciada, no Casino Internacional, a grande exposição de flores, organizada por uma comissão composta pelos srs. João António de Araújo, administrador do concelho; Ruffo Leal, agrônomo; dr. Francisco Amado e Francisco Avilez, pela Câmara de Cascais. Constituiu um verdadeiro acontecimento esta exposição, atendendo à quantidade e beleza dos exemplares expostos.

De tarde, realizaram-se num dos salões do Casino Português, as conferências anunciadas, tendo o sr. João António de Araújo, depois de ter feito o perfil dos conferencistas, dito: «Uma onda de egoísmo assola o mundo. Nós vivemos numa bela região, necessário é que todos que aqui vivem, trabalhem para o seu engrandecimento. Comoigo, poderéis contar, como eu espero poder contar convosco. Lamento que a comissão não fosse compreendida e ajudada, como era mister».

Convida para presidir o sr. dr. João Mário Viana, que representava o ministro da Agricultura e que é secretário pelos srs. conde de Bobone e Francisco Avilez.

E' dada a palavra ao professor agrônomo dr. sr. José Joaquim de Almeida, que pronuncia um interessante discurso, do qual extraiamos algumas passagens: «A flor deve ser encarada não só pelo lado comercial, mas muito mais pelo encanto que encerra». Descreve a cultura das flores em Portugal, dizendo que foram os holandeses, ingleses e franceses quem a começaram fazendo neste país. Diz que foi o cravo a flor predilecta no tempo de D. João V. E' Portugal um dos países que melhores condições têm para o seu cultivo, devido ao belo clima. Incita a numerosa assistência a que, embora como amadores, desenvolvam a floricultura. E a terminar: «Não necessitamos só de pão para a boca, necessitamos também de recrear o espírito».

Vai agora fazer a sua conferência o nosso camarada e amigo Nogueira de Brito, que a assistência aguarda com ansiedade, e que é recebido com uma calorosa salva de palmas.

O nosso camarada, sempre sorridente, pronunciou uma brilhante conferência, que será publicada no nosso «Suplemento Literário», da próxima semana, a qual foi muito aplaudida.

Seguiu-se a Exposição de Prémios, sendo contemplados entre outros, os srs. José de Freitas, Segurado & Filhos, Manuel das Neves, Sporting, Câmara, Sindicato dos Jardineiros, etc.

Mértola

O serviço dos correios

MERTOLA, 7.—Segundo nos informam, os serviços de estafetas vão terminar entre Mina de São Domingos-Mértola-Beja por iniciativa dum inglês. Seria um gesto louvável (que por certo há mais tempo teria sido alvitado) se não redundasse em prejuízo de algumas famílias que vivem dum miserável salário que recebem, como estafetas. Agora que um melhoramento se vai observar (?) nos serviços dos Correios não seria da máxima conveniência para todos aqueles que não labutam sob os calcanhares da Empresa que a distribuição da correspondência nesta localidade fosse feita fora da alçada da mesma Empresa?... Os chefes superiores dos Correios não acham lógico? Não está provado as deficiências do público provenientes do servilismo do empregado que vai a ponto de entregar correspondência de estranhos, aos gerentes da Mina? Sim... Mas os chás à inglesa e os autos da Empresa abrandam os intuitos de procedimento que sabemos já terem sido pensados pelos superiores dos Correios e Telégrafos.—C.

Em Borba

BORBA, 7.—Realizou-se na sede do sindicato dos trabalhadores rurais desta vila uma sessão comemorativa do 1.º de Maio que esteve largamente concorrida.

Usaram da palavra Félix Francisco de Matos e José António de Paiva que pronunciaram vibrantes discursos de propaganda revolucionária e incitaram todos os presentes a ingressarem nos seus sindicatos para se defenderem dos exploradores e das violências do poder e se prepararem para, num futuro próximo, derrubarem a actual sociedade, estabelecendo outra em que a justiça e a liberdade orientem as relações entre todos os seres.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à C. G. T. e à Batalha.

TEATRO AVENIDA
HOJE E TODAS AS NOITES
O FAMOSO

Pão de Ló

com o novo

FADO DO SOLOADO

de Venceslau Pinto

DESPORTOS

LUTA

Torneio no Coliseu dos Recreios

No programa da 16.ª sessão do torneio internacional de luta que hoje se realiza no Coliseu dos Recreios, figura, mais uma vez, o campeão de Portugal Manuel Gonçalves, que se defronta com um dos melhores lutadores que figuram no torneio, o alemão Koornat, o qual, embora vencido já por Manuel Orilo num momento de felicidade, é homem para melhorar ainda a sua classificação.

Koornat, um dos melhores lutadores do mundo, embora muitas vezes o seu temperamento o leve a cometer violências de que não necessitava para vencer, tem hoje por adversário um homem de grande valor, o polaco Bartkowiak que foi já campeão do mundo dos médios, só tendo perdido o título, não por qualquer derrota, mas por ter passado à categoria dos pesados.

Zbysko, em virtude do repeto que lançou a todos os concorrentes do torneio vai hoje encontrar-se com o fortíssimo dinamarquês Nestrom que é não só um magnífico lutador como um atleta de excepcionais recursos.

CICLISMO

A «equipe» do Sport Lisboa e Benfica chega hoje a Lisboa das 17 às 18 horas

Os corredores Alfredo Luis da Piedade e Francisco dos Santos Almeida, componentes da «equipe» ciclista do Sport Lisboa e Benfica, os quais iniciaram no transacto dia 2 a realização da difícil e arrojada prova Paris-Lisboa, em bicicleta, chegam hoje a Lisboa, das 17 às 18 horas.

A direcção do Sport Lisboa e Benfica pede aos seus associados e ao público desportivo, em geral, a sua companhia, das 17 às 18 horas, na Praça dos Restauradores a fim de assistirem à chegada dos ciclistas.

Queixas e reclamações

Uma senhoria insuportável

Escrevo-nos Alberto Gonçalves relatando factos condenáveis como se vê pela exposição que deles faz:

«Moro numa parte de casa, na Rua da Bela Vista à Graça, 118, 2.ª, há já três anos, pagando inicialmente 40\$00 mensais; passado tempo a dona da casa disse-me que tinha de pagar mais alguma coisa, porque o que eu lhe dava era pouco. Acedi ao pedido e passei a pagar-lhe 60\$00 escudos mensais que juntamente com 40\$00 que paga uma outra hospede que vive num sótão com dois filhos, perfaz a quantia de 100\$00, que é a renda que paga a dona da casa ao senhorio».

Desta forma a dona da casa nada paga da sua algebrala ao senhorio e nós ainda lhe pagamos a licença e contribuições do livro de hospedes, assim como requisitamos o contador da água para o qual também nada dispndeu. Ela ocupa as melhores divisões e agora aparece uma mulher que oferece 100\$00 pela minha parte de casa, dando isto origem a que a dona da casa me queira por fora.

Dá-se a coincidência de a ofertante ser conhecida da mulher de um guarda republicano que mora no 1.º andar e agora entretente-se a insultar-me e aos meus para que eu, exaltando-me, saia fora de mim e provoque nessa altura a intervenção do guarda republicano.

No dia 8 do corrente mês, quando eu ia a entrar em casa, a dona da casa começou a insultar-me, pelo facto de eu ter deixado a porta aberta, ao que eu respondi que costumava encontrá-la sempre assim; nisto começou em altos brados a gritar «Oh da guarda!» para que intervisse o tal soldado de espada nua, que apareceu pouco depois para me dar voz de prisão. Tendo eu a minha consciência perfeitamente libada de qualquer culpa, não me deixei prender, tendo o tal guarda de mandar chamar o polícia de giro, o n.º 1421 da esquadra do Vale de Santo António, para liquidar a questão. Limitou-se o polícia 1421 a dizer que não me podia prender porque não via motivo para isso.

Perante tal resolução o guarda republicano não ficou satisfeito e mancomunado com a dona da casa fizeram uma participação de mim para o Governo Civil».

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «canti» Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Teatro da Trindade

HOJE repete-se a peça

que está obtendo

grande êxito

Preços populares

O HOMEM DAS 5 HORAS

A ORQUESTRA

Sul-Americana

accedendo ao convite feito

por ERICO BRAGA

executará esta noite

variadíssimas

Canções brasileiras,

Shimicis,

Fox-Trots

e Tangos

PEREIRA — Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.º

FATOS RECLAME a 295\$00

TEATRO APOLO

Emp. Ruas — Telef. N. 4929

— HOJE —

Os Milhões do Criminoso

Sexta feira, 14

1.ª representação do sensacional drama

A Galdéria

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Conservatório Concerto de Dora Soares

Foi muito interessante o concerto que a violinista Dora Soares, realizou no sábado no Salão do Conservatório. Executante muito conscienciosa, dispondo duma grande segurança de arco, Dora Soares interessou vivamente o auditório. O concerto de Mendelssohn, página inspiradíssima da música do violino obteve uma interpretação luzida e vigorosa. E' preciso que se possua um bom merecimento e uma técnica de relevo para que se consiga dar os efeitos que Dora Soares deu ao concerto de Mendelssohn.

No chacone de Bach, houve-se com a mesma proficiência, devendo notar-se que as responsabilidades deste trecho são muito maiores que as do anterior.

Nos outros números a distinta violinista denotou muito sentimento e consciência do valor do que lhe foi dado executar.

Muito bons os acompanhamentos de Varela Cid.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas
Está marcada para 21 do corrente, no Apolo, a festa artística do illustre actor Rafael Marques que vai interpretar, pela primeira vez, a parte de protagonista do «Otello». Para essa representação foram encomendados novos e sumptuosos cenários, que serão vistos pelos principais artistas na especialidade. O guarda-roupa é, também, novo.

Reclames
O público quer «O Az», a espirituosíssima comédia do Gimnásio, e a empresa, visto o êxito que se oferece, faz-lhe ainda hoje, a vontade, dando a peça, pela irrevogável vez, em *récita da moda*. Portanto, logo, no Gimnásio, não deixarem de reunir-se muitas famílias da nossa melhor sociedade, dando, ali, *rendez-vous*, admirando uma peça que, á sua graciosidade alia a circunstância de ser absolutamente isenta de inconveniências.

E' já esta noite, no Apolo, a antepenúltima representação da emocionantíssima peça «Os Milhões do Criminoso», estando fixada a noite de sexta-feira para a «réprise» da popularíssima «Galdéria», com Ofélia Brachado na protagonista.

Despice-se hoje do *terran* do Chiado Terrace os magníficos films: «No Turbilhão», 7 partes; «Cousas da mocidade», 6 partes, o film cómico em 2 partes, «Olhando para baixo», «Amanhã», «Alegria do Batacão».

Noite de intensa festa, vibrante, entusiástica, vai ser a de amanhã no Gimnásio, na *récita consagrada* a Palmira Bastos, a artista querida do público, da qual o fulgurante talento tem dado o maior brulho á arte scenica contemporânea. Palmira Bastos interpretará a principal figura da delicada peça «O Rosário», extraída dum romance célebre por Bisson, e com tradução de Acácio de Paiva. E', também, dêsse illustre escritor um prólogo em verso, intitulado «Esta literatura...» alusivo á peça, e que Palmira Bastos recitará pela primeira e única vez.

A bilheteira do São Luis está-se vendendo embaraçada para poder atender os pedidos de marcação de lugares para a festa de homenagem á distinta actriz-cantora Alice Pancada, que vai realizar-se na próxima sexta-feira.

Nessa noite, em única *récita*, representa-se a apreciada opereta «Princesa dos Dolars», desempenhando a homenagem, pela primeira vez, o principal papel, em que vai alcançar um novo grande triunfo. A distribuição da peça é a seguinte: Alice Condor, Alice Pancada; «Daysie», Ausenda de Oliveira; «Miss Thompson», Sofia Santos; «Olga Lanbina», Maria Alvarez; «John Condor», Carlos Viana; «Fredy», Sales Ribeiro; «Rans», Fernando Pereira; «Tom», Sebastião Ribeiro; «Dick», Fernando Rodrigues; «Sowaroff», Raúl Pancada; «Charlotevitz», António Paiva.

No quadro novo do Maria Vitória a actriz Hortense Lus fará uma nova e pitoresca figura popular que será de seguro êxito.

Secção Telegráfica

Federações

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Portimão.—Devem receber officio, respondam.

Núcleo de Coimbra.—Devem ter recebido nosso officio. Recebem postal.

Coliseu dos Recreios

A's 9 e meia

Torneio Internacional de Luta

Combates para hoje:

M. GONÇALVES contra KUNST

português alemão

KORNATZ contra BASTKOWAK

alemão polaco

ZBYSHKO contra NESTROM

russo dinamarquês

Estreia do magnifico dueto luso-espanhol

LAS MORENETAS

Os Latinos—Pintor sem mãos

TIVOLI

Telef. II. 6474

A's 9 horas

Mais veloz que a morte

Super-produção em oito partes

com HARRE PIEL

FAZE BEM...

Cine-comédia em cinco partes com

DOUGLAS MACLEAN

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encarega-se de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Advocacia e Procuradoria, Rua do Carmo, n.º 43, 1.º, frente

ULTIMAS NOTICIAS

Nós e a greve inglesa

O Conselho Confederal da C. G. T. toma importantes resoluções

Já sobre a madrugada o Conselho Confederal da C. G. T., depois de apreciar o grandioso movimento grevista do operariado da Grã-Bretanha, votou por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando: que a eclosão do grandioso movimento grevista da Inglaterra tem um carácter acentuadamente económico e social, e nele estão envolvidos alguns milhões de trabalhadores, para obtermos a que lhes sejam diminuídos os salários e aumentadas as horas de trabalho;

que a greve dos trabalhadores ingleses, dada a influência da indústria e da finança daquela nacionalidade na balança económica e financeira dos outros países, faz tremor a avariada máquina da sociedade capitalista;

que ao capitalismo internacional conviria a derrota dos trabalhadores ingleses para melhor dar o golpe nas parcas regalias que os trabalhadores usufruem;

que os trabalhadores portugueses, por intermédio da sua central, a C. G. T., não podem deixar de antepor a mais tenaz resistência á acção nacional ou internacionalmente desenvolvida pelo capitalismo, e dar a todos os trabalhadores a mais franca solidariedade moral e material ao seu alcance;

O Conselho Confederal da C. G. T. reúnido em 10 de Maio de 1926, extraordinariamente, para apreciar, entre outros assuntos, a greve dos trabalhadores ingleses, fiel aos princípios de solidariedade humana que devem ligar todos os trabalhadores universalmente, baseado no sindicalismo revolucionário, resolve:

1.º Salidar todos trabalhadores ingleses que tão altivamente souberam responder ás pretensões prepotências do capitalismo explorador.

2.º Exortar os nossos camaradas ingleses a prosseguirem na luta até á vitória formal das suas justas aspirações, para o que podem contar com toda a solidariedade moral e material que os trabalhadores portugueses lhes possam prestar.

3.º Chamar a atenção de todos os trabalhadores, especialmente os de Transportes e Tráfego Marítimo, para se manterem vigilantes, a fim de evitar por todos os meios ao seu alcance a vitória do capitalismo inglês que se repercutiria internacionalmente.

4.º Enviar cópia deste documento ás Trade-Unions, fazendo ardentes votos pela rápida revolução emancipadora do proletariado inglês.—O Comité Confederal.

O Conselho resolveu também encarregar o Comité Confederal de imediatamente actuar no sentido de dar execução ao apoio preconizado na moção.

A greve geral na Inglaterra

Os operários dinamarqueses vão para a greve

COPENHAGUE, 11.—O directório da União dos Sindicatos Operários Dinamarqueses deliberou declarar a greve por solidariedade com os seus camaradas britânicos.—(L.).

Os grandes efeitos

BERLIM, 10.—Por motivo da greve que se desenvolve na Inglaterra, encontram-se suspensos os serviços de encomendas postais entre a Alemanha e aquele país.—(H.).

Mais operários em greve

LONDRES, 10.—Os operários da moagem de Manchester, Salford, e Swanson puzeram-se em greve; os de 92 fundições de aço de Swansea e arredores apagaram os altos fornos. Está assegurado o abastecimento da farinha em Londres. (H.).

Palavras ás ondas hertzianas

LONDRES, 10.—Lord Grey pronunciou ontem um discurso pela rádio-telefonia, dizendo que as negociações só poderão recommençar depois dos dirigentes dos Trade-Unions terem revogado a ordem de greve geral, pois aquelas não podem decorrer sob pressão de qualquer natureza, estudando-se em plena liberdade a solução a dar ao problema mineiro. (L.).

As desordens não cessam

LONDRES, 10.—Em Glasgow e Edimburgo deram-se algumas desordens, tendo, no entanto, melhorado a situação geral da Escócia. (L.).

A prédica dum mau pastor

LONDRES, 10.—O sr. J. H. Thomaz, um dos membros mais em destaque do conselho geral do congresso dos Trade-Unions, falando ontem em Hammersmith, refutou as acusações feitas pelo governo, de que a greve geral não tem como finalidade única o apoiar os mineiros, mas que o seu objectivo é os Trade-Unions sobreporem-se ao governo constitucional. «Os trabalhadores não admitem que pessoa alguma seja mais leal e tenha mais amor ao seu país», e acrescentou: «A nossa responsabilidade é infinitamente pesada, muito mais grave é daqueles que não quiseram reconhecer o momento em que uma honrosa regulamentação podia ser obida. Este momento, que ainda hoje se apresenta, é necessário que seja aceite, e todos devem trabalhar para este fim.» O sr. Thomaz afirmou ainda que os grevistas não atacam a Constituição nem as leis estabelecidas e que estão prontos a recommençar as negociações, cessando a greve geral, desde que os patrões terminem com o «lock-out». (L.).

O que diz a agência Lusitânia...

LONDRES, 10.—Duma forma geral, a situação da greve não mudou, em parte devido ao facto dos proprietários das fábricas não terem conveniências em as reabrir com pequeno número de operários.

Os ferroviários é que em grande número têm regressado ao trabalho não só em Londres como noutros pontos do

“HERPETOL”

—) Dá um (—
Alívio instantâneo

SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEM, outras DOENÇAS de PELE? A aplicação de uma gota de «HERPETOL» fará desaparecer rapidamente.

O «HERPETOL» CURA. A atestá-lo temos os in-
meros pedidos recebidos desde que foi lançado no
mercado este medicamento que tem realizado CUR

MARAVILHOSAS. A acção do «HERPETOL» muito poderosa, penetra na pele e ataca os germen-
tes se encontram nos tecidos, os quais são ca-
de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MO-
DEURAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO
SECO e RCROSTOS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de «HERPETOL»
melhor remédio que até hoje apareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos
em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º.

Policlínica da Rua do Our

Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nasci—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—horas.

Pept. Sin.—Dr. Corrêa Figueiredo—11 e 3 horas.
Doenças nervosas, eletroterapia—Dr. R. Llof—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Ênio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mauso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roman—2 horas.
Dentes e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cabo e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beatriz—4 horas.

DONAS
Fabricante de lanifícios inaugura
um novo Depósito de todas as qualidades
de fazendas de lã, para VENDA DIRECTA
AO PÚBLICO.

A pedido da sua numerosa **Cliente** inaugurou a secção de alfaiataria que fica anexa ao novo **Depósito**, onde todo **Cliente** se poderá vestir pelos últimos figurinos.

Estambres a 55\$00
Especialidade em estambres de côr e pretos
Enlam-se amostras ao domicílio e provincia
Telefones N. 3300-5468
TEM ASCENSOR

Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Dt.º
(Canto por cima da Relojoaria Suíça)
Direcção técnica de Guilhermino de Almeida Barros

**CONSULTAS MEDICAS
PARA AS CLASSES**

POBRES
Todos os dias, às 7 horas da tarde
FARMÁCIA SIMÕES
Rua Infante D. Henrique 54

(a São Tomé)

PEDRAS "METAL AQUECIDA"
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO
DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40: 100. 2\$80: mil. 25\$

Pedra grande, dúzia, \$80

que deixara aberta por causa do calor do verão, que era abraçador, ouvi, di-

profundo silêncio da cidade, repicando o sino da torre do Palácio. (1)

—exclamou Teresa, a jóven esposa, apertando o peito, e não podendo conter as

indo-se ao marido, disse:
junto a nós, são e salvo, meu po
besar-disso, toda eu tremo e choro,
mais angustias que te daviam essa

...a tua única táboa de salvação. Com

...o branco e prendi-a ao chapeu; depois tirei a manga da camisa e revesti com ela o rosto. E assim vim para a rua.

Palácio, despertaram os parisienses e abriram e iluminaram.

minha mãe!... E' preciso confessar a
monha do povo de Paris. Os parisienses
hossos carrascos, os cúmplices de C...

e grande numero de burgueses, grades, deviam tomar parte na maledecendo ás ordens dos decuriões

des designa, como um simples nome de *Fa*
dos tribunais



ATRAVES DA AFRICA

As riquezas ignoradas da Ilha do Príncipe

Fala-se na constituição duma forte companhia germano-americana para as pesquisas das lenhites e minas de petróleo

O problema de maior importância para o fomento e desenvolvimento da ilha do Príncipe é, como em quasi toda a África, a questão da mão de obra. Está esta ilha nas mesmas condições do que São Tomé, valendo as suas terras como se fossem torções de ouro, porque os géneros da sua cultura agrícola — o cacau, a copra, o coque, o café e outros produtos que poderia cultivar — são considerados géneros ricos numa boa cotação mundial. Simplesmente, na ilha do Príncipe, com população apenas de 6.697 pretos, quasi na totalidade contratados fora, não se podem desenvolver as culturas, devido à falta de mão de obra indígena e às dificuldades em a importar. Tão difícil este problema, que o sr. Marinha de Campos, que se encontra em África há cerca duma década, tratando com os governos de Angola e Moçambique da angariação de mão de obra para São Tomé e Príncipe, pouco tem conseguido.

A mão de obra, hoje, já é disputada principalmente em Angola, pelas empresas locais; e os pretos de Moçambique, além duma travessia complicada, que lhes mina a saúde, ficam caríssimos, vindo a onerar a agricultura e a criar-lhe perigosas contingências em face da concorrência do cacau estrangeiro.

Todavia, o Príncipe carece de viver; e seria estúpido abandonar tais valores devido a dificuldades que, com um pouco de justiça e inteligência se podem resolver. Parece, mesmo, que o Príncipe poderá resolver o seu problema mais facilmente do que São Tomé, porque a sua área, apenas de 114 quilómetros quadrados, é muito mais pequena, e porque pode recorrer ao trabalhador de Cabo Verde que tem mais capacidade produtiva e prefere a ilha do Príncipe, quando forçado à emigração. O resto pode conseguir-se com o auxílio mecânico, e com um critério de lucro mais harmonioso com as contingências dos nossos dias.

O outro problema do Príncipe é a realização de determinados melhoramentos de grande interesse público. Reúne esta ilha todos os encantos naturais que a tornam digna de ser visitada pelos nacionais e estrangeiros que passam no Atlântico; e para se concluir que possui ambições para se engrandecer e progredir, basta verificar que — a pesar do rubrocinco e da doença do sono que aqui grassou — a sua exportação, que em 1916 foi de 521 contos, se elevou em 1925 a muito próximo de 10.000 contos.

Ora uma ilha pequenissima, quasi toda cultivável, onde a terra vale como ouro, e com tais sintomas de valorização, não pode viver sem aqueles melhoramentos e comodidades indispensáveis a quem faz o sacrificio de se fixar, embora temporariamente, no solo tropical.

O abandono oficial a que se votam terras dum tal valor, chega a ser um crime, mormente pelo que respecta a medidas de sanidade; deste modo não se pode exigir ao europeu — funcionário público, empregado do comércio ou agricultor — uma regular permanência; e sem sua permanência nem há fomento nem regular administração.

Como a ilha do Príncipe está subordinada ao governo da província, cuja sede é São Tomé, e como só de mês a mês há comunicações entre as duas ilhas, está o leitor a ver como todos estes problemas se protegem eternamente sem solução, de mais a mais havendo o critério errado de cercar — em vez de alargar — as atribuições das Câmaras Municipais, que neste caso poderiam suprir as deficiências criadas pela distância e isolamento do poder central.

Para avaliar a importância e possibilidades do Príncipe, importa consultar a sua ultima estatística. A exportação em 1924 foi de Esc. 6.913,722\$07, sendo as verbas mais importantes d'esse total: o cacau no valor de Esc. 5.571,196\$09; coque/te Esc. 875,340\$70; azeite de palma 88,255\$74; café 73,352\$89; copra 243,753\$86; e madeiras 29,384\$59. Por esta exportação arrecadou o Estado direitos no valor de 277,550\$12.

O valor da exportação actual deve ser maior, não só porque a produção de 1925 foi superior, como porque nalgumas fazendas se intensificou a cultura do cacau e café.

— Ao inumerar as riquezas do Príncipe não devo esquecer uma das mais valiosas, embora embrionária, e cuja exploração transformaria a graciosa ilha numa cidade de maravilhas.

Quero referir-me ao petróleo e aos seus jazigos de lenhites que já não constituem segredo para os geólogos ingleses, mas ao redor de cujas se passou um certo mistério...

Com efeito, na Ilha do Príncipe, sítio Maria Correia, a 7 quilómetros da cidade e a 150 metros do mar, existe petróleo. Eu próprio o vi borbotar à superfície da água duma pequena lagoa, em grande quantidade, e recolhi algumas amostras do precioso líquido que já serve de combustível nalgumas máquinas da fazenda Sundry.

Há poucos annos começou por constar no sítio que a água cheirava a petróleo, a pontos do sr. Jerónimo Carneiro ter solicitado autorização para mandar fazer as necessárias pesquisas, que a 3 metros de profundidade deram a farta abundância de oleos minerais. Analisados estes oleos pelo sr. Charles Lapie, este reconheceu a existência de petróleo de optima qualidade, tipo Banzu, aconselhando o prosseguimento de pesquisas.

Aqui começa o drama e o mistério. Em Portugal nem há dinheiro, nem ao menos, materiais para pesquisas; e em Inglaterra a aquisição desses materiais é sempre difícil devido às mil dificuldades habilitemente levantadas pelos grandes trusts e sindicatos que exploram o petróleo, e que empregam todos os esforços para parilharem de todas as grandes explorações petrolíferas do mundo.

Cada vez mais seduzido pela abundância do petróleo, que espontaneamente brotava e rotava à superfície da terra, o sr. Jerónimo Carneiro organizou uma espécie de comissão de indivíduos competentes que foram a Londres para conversarem sobre o curioso assunto. Ai, depois de novas formalidades conseguiram tomar contacto com uma das maiores sumidades do mundo dos petroleos, nada menos do que o iminente geólogo chefe da grande Companhia Anglo-Persa, a

quem expozeram o assunto, illustrando-o com todos os informes técnicos e com as amostras do precioso liquido.

O sr. Caminggrieg examinou os oleos, os lenhites, estudou a região, e ficou radiante com a expectativa do negocio. Achou tão bom que imediatamente se formou uma companhia de 55.000 libras, apenas para primeiros estudos e pesquisas. Se desse resultado, como se esperava, então formaria-se-lhe uma grande companhia de 1 milhão e 200 mil libras, capital no qual os portugueses levariam a percentagem de 51 por cento, fazendo Jerónimo Carneiro sempre questão fechada do capital português ficar em absoluta maioria. Todos estes preliminares constam de contratos legais e correspondência trocada.

Feita a primeira sociedade para pesquisas, logo veio de Inglaterra o geólogo Burls, que chegando ao Príncipe, iniciou seus trabalhos, tendo verificado, com o maior entusiasmo, a existência de petróleo, e não só de petróleo como de lenhites, e no sítio de Santana existem em veios enormes, com uma percentagem de 25 por cento de petróleo, o que levou vários técnicos à conclusão que toda a região era riquíssima em lenhites e de que o petróleo era produzido pela sua respectiva destilação.

Burls não pára o seu entusiasmo e, a pensar do seu génio frio, muito inglês, e para mais homem de sciencia, mais duma vez declarou que estava em face duma grande riqueza petrolífera, tendo feito vários relatórios neste sentido optimista.

Entretanto de Londres, mais duma vez, directamente e por intervenção de intermediários, instava-se com Jerónimo Carneiro para que ceder os seus direitos, reservando-se ao capital inglês a quasi totalidade da representação. Jerónimo Carneiro sustentava o seu ponto de vista; affectava, até, não ter grande empenho na exploração, e exigia maioria absoluta para a representação dos interesses portugueses.

Um belo dia, de Londres afixou-se a acção; depois vêm dizer que exploração se lhes afigura menos económica; mais tarde desinteressam-se completamente, todavia, depois de se desgastarem, algum — um intermediário — torna a perguntar se portugueses consentiriam em ficar com a minoria do capital. E Carneiro, até hoje, insiste na maioria para Portugal.

Mas Burls, as opiniões optimistas do geólogo Burls?... Burls recebeu ordem de retirar do Príncipe; e, quando um dia algum pretendente escreveu-lhe e falar-lhe, soube-se que tinha morrido, recentemente.

E o petróleo do Príncipe? — perguntará o leitor.

O petróleo do Príncipe, para ser explorado, precisa grossos capitais; e os ingleses bem sabem que Portugal não tem dinheiro para tais explorações!

Triste condição a dum país de governos sem audácia inteligente, de finança parasitária e medrosa, que se arruina com a importação de matérias ricas que não sabe arrancar do seu próprio solo! Triste condição, porque lhe assegura um presente intranquilo e um futuro sem grandeza, sem poder lançar-se nos grandes progressos labris que barateiam a vida do pobre, e sempre enredado na teia asfixiante da judiaria estrangeira.

Tem, ao menos, o governo português mandado fazer um rudimentar reconhecimento geológico desta região, para poder inventariar as riquezas do seu solo?

Não tem. Não sabe nada, ou sabe vaga e tardiamente.

Em compensação, os estrangeiros sabem muito mais dos valores da nossa casa. E a prova está em que, aqui mesmo em Angola, um alemão me informou de que vai organizar-se, ou está em organização, uma empresa germano-americana que pensa pesquisar o petróleo do Príncipe.

Consentirão os diversos trusts petrolíferos de todo o mundo, consentirão a Anglo-Persa, na intervenção dos alemães e americanos?

Será certo que as recentes visitas dalguns barcos de petróleo ao Príncipe se prendem com a constituição da nova empresa germano-americana?

Parecendo que não, nestas coisas de petróleo há, sempre, um certo mistério que recorda as maçonarias...

Em todo o caso eu vou averiguar o que há... para dar essa novidade ao nosso pobre governo...

Angola — 1926. **Juliano QUINTINHA**

O 3.º Congresso de Electricidade

Ficam definitivamente fixados os dias 16, 17 e 18 de Outubro para a realização do 3.º Congresso de Electricidade.

Tomou-se conhecimento do grande numero de adesões já recebidas e resolveu-se instar pela devolução dos boletins de inscrição aos que ainda não responderam.

Mais se resolveu enviar a planta do local onde se realiza a exposição de aparelhos rádio-telefónicos e telegráficos às casas da especialidade para escolherem o local para os seus stands. Trocaram-se impressões sobre o programa das sessões do Congresso e das visitas a realizar, ficando para a proxima sessão o resolver-se definitivamente o assunto.

Foi resolvido fixar o dia 30 de Agosto como limite para a entrega das theses que devem ser presentes a discussão.

Toda a correspondência referente ao Congresso deve ser dirigida para o secretario geral — engenheiro Arménio Leal Gonçalves, serviços municipalizados de Coimbra, onde está instalada a secretaria.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Formosa» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires e pelo paquete «Lima», da Empresa Insulana de Navegação, para as ilhas da Madeira e Açores.

Da Estação Central dos Correios a ultima tiragem de correspondência effectua-se às 7 horas e para o paquete «Lima» recebe-se correspondência no Cais de Santos até às 9,45 mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

AS GREVES

Operários corticeiros

ALHOS-VEDROS, 9. — Continua em luta o pessoal da firma da fábrica Gameiro Pinto como no primeiro dia.

A firma recusa-se a conferenciar com as comissões de demarches. Sabemos que os patrões mandaram chamar as rolheiras mecánicas e escolhedoras de rolhas para trabalharem. Quanto aos quadradores, desejariam vê-los levantar as ferramentas.

E' de esperar os escolhedores e os rolheiros não regressem ao trabalho, sem o restante pessoal, mantendo-se solidários na greve. — C.

ALHOS VEDROS, 10. — Na reunião dos grevistas da casa Gameiro & Pinto aprovou-se uma proposta para que a Federação Corticeira Nacional faça abrir uma subscrição para os operários sem trabalho e mais necessitados.

Também se resolveu que uma comissão entravistasse o industrial sr. Pinto. Resolveu-se ainda não retomar o trabalho enquanto não triunfasssem as reclamações grevistas.

Os grevistas reúnem amanhã, terça-feira, pelas 15 horas a fim de ouvirem a comissão de demarches.

NO ESTRANGEIRO

Os metalúrgicos australianos agitam-se

SIDNEY, 10. — Os operários das indústrias metalúrgicas, submetidos ao regime federal do salário, foram licenciados pelos patrões por períodos regulares. Os operários ripostaram com uma declaração de greve que interessa a vinte e cinco mil homens das classes metalúrgicas. — (H.)

Ferrovieiros franceses

DOUARNENEZ, 10. — O pessoal da companhia de caminhos de ferro departamental acabaram a proclamação de greve feita pelo seu sindicato. O serviço está sendo assegurado por caminhões automoveis. — H.

Horário de trabalho

Empregados no comércio

Promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, realiza-se hoje às 21 horas, na rua Paraiso, 28, 1.ª, a 5.ª sessão de propaganda associativa e de protesto contra o desrespeito ao horário de trabalho e descanso semanal no comércio.

Estas sessões têm por objectivo enunciar o integral da classe no seu sindicato de forma a adquirir uma mais perfeita consciência dos seus deveres e direitos e melhorar num futuro proximo as suas condições de vida e de trabalho.

Trabalhadores em Carnes Verdes

Reúniu a comissão de vigilância da Associação dos Trabalhadores em Carnes Verdes, que resolveu enviar ao tribunal os autos levantados durante a semana aos proprietários de talhos que foram encontrados abertos depois das 16 horas.

Vendedores de Jornais

Uma nota officiosa aos vendedores do pais

Da Associação dos Vendedores de Jornais de Lisboa recebemos a seguinte nota officiosa:

«Os corpos gerentes do Sindicato dos Vendedores de Jornais de Lisboa trazem ao conhecimento dos membros da classe espalhados nos vários pontos do país que, em consequência das deliberações das assembleias dos Vendedores de Jornais de Lisboa e Porto e do Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal realizado em Santarém, esta classe está integralmente ligada aos trabalhadores gráficos do país como os quais mantem as mais estreitas relações de solidariedade. Assim lembram a todos os camaradas das localidades onde não existam sindicatos da especialidade que devem filiar-se nas Ligas das Artes Gráficas onde, conjuntamente com os restantes trabalhadores do Livro e do Jornal, devem trabalhar para defesa dos seus interesses morais e materiais.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Reorganizou-se a Juventude Sindicalista de Coimbra

Em Coimbra, acaba de ser reorganizado o Núcleo de Juventude Sindicalista, que animado do entusiasmo que provocou a realização do 2.º Congresso está despertando a mocidade revolucionária.

Este Núcleo ao constituir-se dirigiu a F. J. S. a seguinte saudação:

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Coimbra saúda em vós todos os jovens que por esse mundo fora lutam abnegadamente pela libertação da Humanidade que sofre e pela Anarquia como ideal supremo.

Este Núcleo tem no seu seio estudantes.

Ocorrências diversas

No pósto da Cruz Vermelha do Seixal recebeu curativo, recolhendo depois à enfermaria de Santa Joana, do Hospital de São José, Ignes Gomes dos Santos, de 36 annos, natural e residente no Seixal, a qual, tendo-se tombado uma panela com caldo fervente, foi atingida por este ficando muito queimada nas pernas e ventre.

A Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu Adelino José Mendes, de 61 annos, natural de Arcos de Vale de Vez, moço de fretes 1141, residente na travessa da Amoreira, 71 loja, que, na rua Pascoal de Melo, foi atropelado pelo automóvel S 1085, ficando com «perna direita fracturada

Moçambique continua vivendo sob o regime do terror

Os ferroviários de Lourenço Marques bode expiatório de todos os crimes e vilanias do Alto Comissário

Lourenço Marques, 12 de Abril. — Vítor Hugo de Azevedo Coutinho é um dos republicanos, que a ser toda a sua obra tal como a que tem feito em Moçambique, merece que o directório do seu partido o não esqueça para o desempenho de cargos onde o simples vínculo do seu nome possa servir de exemplo aos vindouros.

Diante das reclamações da população contra o agravamento do premio das transferências ao conflito ferroviário, Azevedo Coutinho não demonstrou ter a mais pequena ideia ou conhecimento do que seja governar ou pelo menos de iludir diplomaticamente os que se lhe dirigissem a pedir providências.

Já quando há um ano e picos se lhe dirigiu o funcionalismo em massa, reclamando uma subvenção, Azevedo Coutinho, em vez de receber a comissão dos manifestantes que se encontravam à porta do palácio, teve um único gesto: Veiu à janela, e deu um simples «viva a República!»

Recordamos de ter ouvido de um funcionário, que não era por «vivas» que eles vinham em protesto, mas em demanda por mais pão.

Dizia ainda o mesmo funcionário, gritando com os seus poderosos pulmões, que enquanto naquele palácio se comiam opiparos jantares, estavam ele e sua familia rebandando com fome.

Só meia hora depois é que aquela população de famintos se resolveu a abandonar a cerca do palácio.

E' impossível reproduzir o que foi dito a Azevedo Coutinho, e ele, sempre impassível, de dentro das vidraças, ouvia os clamores dos que se julgavam com razão para poder viver.

Como homem de governo e de inteligência, tinha a sua carreira feita por Moçambique, valendo-lhe somente um plano estratégico para se conseguir agüentar por mais algum tempo.

Não adivizei toda a sorte de mentiras sobre fomento e equilibrio financeiro, levadas a Portugal através de extensos telegramas e talvez de massudos relatórios, simplesmente destaco a greve ferroviária e protesto popular, que vem de há seis meses a esta parte e que ele, Coutinho, tão bem tem sabido esmagar. Digo esmagar porque Coutinho jámais teve um momento de reflexão.

Incapaz de resolver o mínimo problema governativo, leva a sua audácia em anunciar o progresso de Moçambique quando internamente se vê a braços com uma situação bem desesperada para outro que não fosse Azevedo Coutinho e reconhecesse o atrazo que origina uma greve de quatro meses e meio apoiada por uma população justiceira.

Mas que importa isso? Azevedo Coutinho, que tem contra si a opinião dos homens de bem, que tem contra si milhares de pessoas, umas pelo que viram e outras pelo que leram da sua obra de barbarismo e violência, continua no palácio da Ponta Vermelha a governar Moçambique, tendo, para isso, reduzido ao mais absoluto silêncio todas as manifestações populares e mais, calçado o Direito, a Justiça e a Razão.

Tem um conselho executivo a seu modo e legislativo representado por pessoas que esperam grandes favores do Estado. Não é a opinião pública que está ali a deliberar e julgar... São os interesses das grandes Companhias do norte que exploram os negros e fazem pouco dos brancos.

Que admiração pode causar a aprovação de medidas de ordem, pela parte do Legislativo se ele é uma autentica farça, uma burla?

Ainda agora mesmo, contra o tesouro do Estado e em favor das Companhias do Norte, foi votada uma portaria onde estas são beneficiadas escandalosamente com as taxas de exportação que até agora eram obrigadas a depositar. Protestou contra o facto, em largo artigo de fundo, no *Jornal do Comércio*, o único que disse até agora alguma coisa e que está em riscos de perecer devido a não se querer alugar ao Governo nem estar na disposição de se calar.

O favor prestado às Companhias do Norte com os benefícios que lhe traz tal portaria, foi recompensado com a aprovação, pela parte dos representantes que as mesmas têm no Conselho Legislativo, da odiosa lei das deportações, depois de ouvido o acusado e o processo ser presente ao Alto Comissário da Província.

O assassinato do Comissário de Polícia Henrique de Sousa trouxe, pela parte do governo de Coutinho, umas certas medidas de repressão que até agora ainda não tinham sido presenciadas.

Não é que a violência ou actos de selvageria fossem excedidos mas tão somente por ter armado a policia da rua em gendarmes com a respectiva carabina tal qual como nos tempos de Sidónio Pais.

Depois do pôr do sol, temos o «faça alto» e «avance ao reconhecimento», medida que se repete em todas as encruzilhadas e que traz em verdadeiro sobresalto a pobre população que tem que suportar estas medidas vexatórias.

Vítor Hugo de Azevedo Coutinho não quer abandonar Moçambique sem que tenha usado e abusado de todas as medidas de violência.

Effectuaram-se imensas prisões e só a custo vão soltando os que reconhecem não estar implicados no atentado contra o Comissário de Polícia.

A imprensa governamental continua à solta e com o exclusivo de se apresentar como órgão da opinião pública quando é certo que o público não sente e até repudia o que ela traz em sucessivas e bem pagas columnas de prosa mercenária.

Os protestos da população continuam a fazer-se muito em segredo e como coisa passada em familia pois que o menor risco que corre quem se atreve a criticar Coutinho ou a sua obra é ir parar à Torre de São Sebastião onde estão a apodrecer 10 victimas da greve ferroviária.

Continuam as prisões cheias, como medida de ordem desta democrática república de farçantes, depois de darem a greve como terminada. Os 400 ferroviários que anun-

ciem estarem em riscos de ficar definitivamente sem o seu logar parece que o ficam de facto.

O governo central não reco nhecerá aí que a greve foi ganha pelos ferroviários e que eles têm o direito de ingressar nos seus antigos cargos?

Onde iremos parar com a atitude ultra reaccionária dos individuos que estão neste momento dirigindo o governo?

Com uma lei de excepção, transcrita pelo «Guardian», prova-se que Azevedo Coutinho está na disposição de deportar todos os que não sympathizam com a sua politica meramentepessoal e que, a ser assim, manterá a Colónia numa constante excitação que difficil será acalmar.

Pretende-se deportar o dr. Carlos Temudo e diz-se que se prepara uma cidade contra o dr. Moreira da Fonseca e Pina Cabral.

Não sabemos quantos mais tenham que experimentar o rigor da deportação sem culpa formada e a julgar pela accusação feita ao dr. Carlos Temudo, temos que o ponto mais comprometedor é o facto de ter emprestado um livro de ideias comunistas a um pseudo operário, que o denunciou por tal facto.

E' verdade, é esta a liberdade em Lourenço Marques!

Para onde caminhamos, senhores de Portugal e Colónias?

Onde está a veracidade das afirmações feitas perante a gente culta de que em África não se exerce a escravatura?

Há lá escravatura mais declarada do que a de ter presa gente sem culpa formada e obrigá-la a trabalhos forçados?

O que foram 3 meses e meio de viajar em vagões descobertos, ao sol e à chuva, e em que a recusa implicava o desterro para a ilha de Moçambique onde estão três ferroviários por esse delicto?

Faça-se embarcar, embora diplomaticamente, todas estas figuras que puzeram Moçambique à boca do abismo e faça-se justiça à população inteira que neste momento pede a readmissão dos ferroviários e o regresso imediato de todas as victimas de Azevedo Coutinho.

Dê-se liberdade de reunião e autorise-se a publicação da imprensa popular.

Abram-se as prisões e deixe-se em plena liberdade os que não estejam entregues ao poder judicial.

E' isto que a população quer, é a isto que ela aspira.

Ferrovieiros deportados de Lourenço Marques

Reúnem hoje, pelas 18 horas, os ferroviários deportados de Lourenço Marques, para tratar de um assunto importante.

CONFERÊNCIAS

«A indústria do ferro»

Perante uma numerosa assistência realizou-se na secção da U. P. P. instalada no S. U. M., uma conferencia do professor sr. Ferreira de Simas.

O conferente, depois de dissertar sobre a arte de ferreiro, reuiu-se às diversas e uteis applicações que o ferro tem. Lamentou que a humanidade ainda não esteja tão perfeita que o ferro devesse de ser applicado em fôrta, e sobre, o canhão e a metralhadora. Falou, em seguida, das variedades de ferro e dos jazigos portugueses. Disse não ser possível o estabelecimento desta industria em Portugal enquanto não forem convenientemente estudadas e aproveitadas as quedas de água do Douro, por não termos carvão para isso. O conferente elucidou sobre o forno catalão — já pouco usado — e altos fornos ordinários e electricos, actualmente em uso; variedades de gusa, suas propriedades, origem dos seus defeitos, gusa maleavel, gusa acerosa e suas applicações. Fala-nos do ferro macio e suas propriedades. Da bragaçagem, martelos, prensas e laminadores. Seguidamente foram projectados no «ecran» diversos aspectos de altos fornos, vendo-se assim as transformações por que tem passado. O conferente foi escutado com o maior agrado pela assistência, o que deixa antever que a proxima conferencia será igualmente concorrida. A segunda conferencia deste serie realizar-se ha quando for anunciado.

«Doutrinas politico-sociais em Portugal»

O sr. dr. José de Magalhães effectua hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, a 10.ª e ultima conferencia da serie das doutrinas politico-sociais contemporaneas. O illustre conferente subordinou a sua exposição ao tema «Doutrinas politico-sociais em Portugal». A entrada é franca.

«Questões morais e sociais na literatura»

O sr. dr. Câmara Reis realiza amanhã, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona na delegação do Sindicato da Construção Civil do Alto do Pina, mais uma conferencia da serie «Questões morais e sociais na literatura».

Rendimentos dos operários

Na Olaria Carreira, existente na Azinhaga de Malpique, ao Campo Grande, quando o oleiro António Pereira, de 29 annos, natural de Lisboa, residente na rua da Guia, 19, 1.ª, transportava uma porção de louça do depósito para os fornos, caiu de uma prancha, ficando muito contuso nas costas. Transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, recolheu ali à Sala de Observações, depois de devidamente pensado no Banco.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista 8 de Setembro.

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral extraordinária na sede do grupo.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o comité confederal.

Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne na quinta-feira, pelas 21 horas, o conselho confederal.

COMUNICAÇÕES

S. U. do Mobiliar o. — Reuniu em assembleia geral. Aprovada a acta e lido o expediente, entrou-se na ordem dos trabalhos. Foi nomeado para secretario geral José Valentim Machado e para vogal da comissão administrativa Armando Fernandes. Para o comité da sede foi nomeado Júlio Silva. Apreciado o funcionamento do sindicato e a necessidade de desenvolver a sua acção, foi resolvido iniciar uma serie de sessões de propaganda tendentes a levantar o sindicato e simultaneamente enfrentar o problema da crise de trabalho. Assentou-se que estas sessões sejam iniciadas o mais breve possível. Tratou-se ainda da questão dos empreiteiros de polidor resolvendo-se convocar a assembleia magna da especialidade por manifesto e a qual será presente um trabalho sobre o assunto. Constatou-se que continua subindo o numero de sindicatos e em face disto resolveu-se distribuir um manifesto à classe a fim-de ela se interessar pelas resoluções do sindicato. Por último foi resolvido enviar um officio ao ministro da França, protestando contra a pretendida extradicação de Paulo da Silva.

União Têxtil. — Reuniu a direcção tratando de assuntos de carácter administrativo e afixou na sede o balancete do primeiro trimestre.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Federação Metalúrgica. — A comissão administrativa, pelas 21 horas.

Sindicato Metalúrgico. — A's 20,30 horas, a comissão administrativa e os cobradores.

Secção de Belém. — A's 20,30 horas, a comissão administrativa, juntamente com as comissões de outras secções e sindicatos de Belém.

S. U. da Construção Civil. — Secção dos Serventes. — A's 20 horas, a comissão administrativa.

Secção dos Canteiros e Polidores de Marmores. — Pelas 21 horas em assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos: Leitura do relatório de contas e parecer da comissão revisora das mesmas do ano de 1925, apreciar o pedido de demissão de um delegado ao Conselho Técnico e outros assuntos de interesse para a classe.